



8 a 10 de novembro de 2017 - Santa Maria / RS

UFSM - Universidade Federal de Santa Maria

MOVIMENTOS SOCIAIS EM MOVIMENTO: O ATIVISMO LGBT DAS MARGENS ÀS REDES

SOCIAL MOVEMENTS IN MOVEMENT: THE LGBT ACTIVISM FROM THE MARGINS TO THE NETWORKS

Carolina Bonoto Espindola ¹

RESUMO

O presente artigo é fruto de uma reflexão sistemática sobre o dinamismo das teorias dos movimentos sociais e tem por objetivo central a construção de um quadro referencial de conceitos que permita compreender a trajetória do movimento LGBT brasileiro “das margens às redes”. Metodologicamente, a revisão biográfica realizada apresenta as principais teorias e correntes sobre os movimentos sociais, das teorias clássicas às redes de movimentos e os chamados movimentos sociais em rede, passando pela teoria dos novos movimentos sociais e os ditos movimentos sociais contemporâneos. Partimos do pressuposto de que o movimento LGBT não pode ser pensado de modo dissociado das relações que o constituem, ou ainda, do contexto sócio-histórico em que está inserido. Assim, a partir de extensa revisão de literatura propomos um percurso teórico pensado de forma ascendente suficientemente capaz para explicitar as articulações e formações de redes a partir das novas tecnologias de informação e comunicação no contexto do ativismo LGBT brasileiro.

Palavras-chave: ativismo; LGBT; movimentos sociais; sociedade em rede.

ABSTRACT

This article is the result of a systematic reflection on the dynamism of social movement theories and its central objective is the construction of a framework of concepts that allows understanding the trajectory of the Brazilian LGBT movement “from the margins to the networks”. For that, we present the main theories about social movements, from the classic theories to the networks of movements and the so-called social movements in network, passing through the theory of the new social movements and the so-called contemporary social movements. We start from the assumption that the LGBT movement can not be thought in a dissociated way from the relations that constitute it, or even from the socio-historical context in which it is inserted. So, from an extensive literature review, we propose a theoretical course thought in an ascending way sufficiently capable to explain the articulations and formations of networks from the new information and communication technologies in the context of Brazilian LGBT activism.

Keywords: activism; LGBT; social movements; network society.

¹ Mestranda no Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria. Graduada em Jornalismo pela UFSM. E-mail: c.bonoto@gmail.com.



INTRODUÇÃO

Os movimentos sociais do século XIX e das primeiras décadas do século XX não são os mesmos movimentos sociais emergentes nos anos 1960 que, por sua vez, também são diferentes dos movimentos sociais contemporâneos. O contexto sócio-histórico se alterou, novos sujeitos políticos surgiram e novas formas de ação social coletiva ganharam força. O aumento da visibilidade dos movimentos sociais em razão do reconhecimento enquanto fenômenos históricos concretos do século XXI, paralelo ao desenvolvimento de novas teorias sobre a organização da sociedade civil, intensificaram a preocupação com a teorização destes movimentos que, a partir dos anos 1960, ganharam espaço e *status* de objeto científico de análise em várias regiões acadêmicas do mundo.

Este artigo é fruto de uma revisão bibliográfica sobre o dinamismo das teorias dos movimentos sociais e tem por objetivo central a construção de um quadro referencial de conceitos que permita compreender a trajetória do movimento LGBT brasileiro “das margens às redes”. Para tanto, apresentamos um breve resgate das principais teorias das ações coletivas e de suas correntes teóricas na intenção de localizar o conceito de movimentos sociais em contextos históricos variados. Cumprido este desafio inicial, partimos para a retomada de quase 40 anos do movimento LGBT brasileiro² com base na periodização proposta por Facchini³ que, muito além de representar “linhas demarcatórias” homogêneas e estáveis, serve-nos como perspectiva analítica possível.

A reconstrução desta trajetória, desde as primeiras manifestações de sociabilidade e resistência ao autoritarismo do regime ditatorial até a constituição organizada do então chamado movimento homossexual brasileiro e posteriormente movimento LGBT, permite localizar alguns pontos de tensão nesse processo que são centrais para compreender as estratégias e conflitos atuais encontrados nas ditas sociedades em rede. O recurso à história deve-se, sobretudo à necessidade de explicar conceitualmente a articulação do movimento social com distintos atores sociais na sociedade civil formando redes sociais, organizacionais e de ativismo.

A luta das minorias sexuais converge elementos políticos, como a eliminação de

² A fundação do grupo *SOMOS*, em 1978, é reconhecida pela literatura como o marco de início do movimento LGBT no Brasil.

³ FACCHINI, Regina. *Sopa de letrinhas?: movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.



desigualdades, e elementos socioculturais, como a liberdade de vivências identitárias múltiplas. Neste contexto, os usos e apropriações das tecnologias de informação e comunicação (TICs), principalmente da internet, assumem papel fundamental na multiplicação de discursos e significação de novos saberes. A emergência de um ambiente alternativo para difusão de informações favorece o rompimento com a homogeneização dos modelos de pensamentos possibilitando que os indivíduos encontrem múltiplos sentidos para suas experiências identitárias. Os novos dispositivos ainda reconfiguram cenários de interação e organização dos grupos minoritários em torno de causas comuns. Assim, para finalizar, a partir do contexto de transformações da comunicação nas últimas décadas, abordamos o impacto das tecnologias digitais na passagem de uma sociedade de massas para uma sociedade em rede nos movimentos sociais contemporâneos, especialmente o movimento LGBT brasileiro.

1 TEORIAS DOS MOVIMENTOS SOCIAIS: UM RESGATE HISTÓRICO-CONTEXTUAL

Ao recuperar as abordagens clássicas sobre a ação coletiva, destacam-se duas grandes correntes. De um lado, os teóricos franceses pioneiros da sociologia das mobilizações que, de acordo com Maria da Glória Gohn, tratavam os movimentos sociais enquanto distúrbios populares e, influenciados por Freud e Darwin, constituíram uma teoria baseada na irracionalidade das massas, na qual estas, incapazes de serem responsabilizadas em coletivo, estão suscetíveis à manipulação de seus líderes que, por sua vez, são analisados em termos de impulsos violentos e propensão à agressão.

De outro lado, teóricos como Max Weber que defendeu a existência de um substrato subjetivo por trás das ações sociais, ou seja, as ações sociais são orientadas por fins e valores, baseadas na visão de mundo dos indivíduos e grupos sociais⁴, e Karl Marx, ainda no século XIX, que construiu uma das principais correntes teóricas de análise, a *histórica-estrutural*, hoje tida como a matriz clássica, a partir da concepção de trabalhadores como sujeitos históricos, o proletariado. Ainda que não tenha se dedicado a teorizar sobre ações coletivas, ou sequer tenha usado o termo “movimentos sociais”, Marx desenvolveu um

⁴ GOHN, Maria da Glória. *Novas teorias dos movimentos sociais*. São Paulo: Edições Loyola, 2014.



estudo sobre a sociedade capitalista, “a partir de sua gênese histórica, e localizou no estudo da mercadoria o ponto de partida para a compreensão de todo o processo de acumulação e desenvolvimento das relações sociais capitalistas”.⁵ O paradigma marxista influenciou, com destaque, os estudos do movimento operário, as lutas sindicais e os conflitos de classes nas sociedades industriais dos séculos XIX e XX.

Esta reflexão sobre as relações capitalistas no interior das unidades produtivas levou Marx à elaboração do conceito de *práxis social*, categoria central na perspectiva marxista sobre os movimentos sociais. O sentido sociológico de práxis, segundo Scherer-Warren, é a atividade material humana, transformadora do mundo e do próprio indivíduo. A autora denomina de práxis toda ação para transformação do social, desde que esta ação contenha certo grau de consciência crítica⁶. Práxis é o articulador da teoria à prática. Com a contribuição do marxismo para a análise dos movimentos sociais, a caracterização sistemática ou tipológica dá lugar a uma análise da dinâmica propriamente dita dos movimentos, ou seja, da busca da contribuição dos movimentos sociais, fortemente ancorada em princípios de solidariedade, na produção transformadora do social.

Concomitante ao avanço da corrente clássica, as transformações políticas na sociedade norte-americana levaram a conformação de uma nova corrente interpretativa sobre os movimentos sociais, denominada por Gohn como *institucional/organizacional-comportamentalista*.⁷ Com raízes nas teorias liberais dos séculos XVII e XVIII (Adam Smith, John Locke, J. S. Mill, etc), a corrente comportamentalista passou nos anos de 1960 por uma revisão crítica, dando origem a uma nova teoria: a chamada teoria da Mobilização de Recursos (MR) ou paradigma norte-americano. Pensada para explicar os movimentos sociais emergentes nesta época, a nova teoria enquadra as ações coletivas em explicações comportamentalistas organizacionais, como o próprio nome indica. Nesta lógica, “os movimentos surgem quando se estruturam oportunidades políticas para ações coletivas”.⁸ Diferentemente do paradigma clássico, na leitura da teoria de MR, os movimentos sociais são vistos da mesma forma que os partidos políticos, e sendo assim, disputam um mesmo

⁵ GOHN, Maria da Glória. **Teoria dos Movimentos Sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos**. São Paulo: Loyola, 1997. p.176.

⁶ SCHERER-WARREN, Ilse. **Movimentos sociais: um ensaio de interpretação sociológica**. Florianópolis: Editora UFSC, 1989. p. 15.

⁷ GOHN, Maria da Glória. **Novas teorias dos movimentos sociais**. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

⁸ GOHN, Maria da Glória. **Teoria dos Movimentos Sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos**. São Paulo: Loyola, 1997. p. 51.



“público consumidor”, de adeptos ou financiadores. Para Gohn, a teoria da Mobilização de Recursos foi adequada nos anos 60 e 70, na sociedade norte-americana, porque o sistema de crenças dos movimentos estudados era uma extensão de conceitos básicos do liberalismo, na filosofia americana.

No breve resgate histórico apresentado até aqui a concepção de movimentos sociais esteve, majoritariamente, relacionada à luta de classes no interior das sociedades capitalistas. À medida que os movimentos passaram a se proliferar e se complexificar, as abordagens fundadas no paradigma marxista se tornaram limitadas e abriram espaço para uma nova teoria. Autores como Alain Touraine, Alberto Melucci e Jurgen Habermas passaram a desenvolver modelos interpretativos que ultrapassavam as fronteiras teóricas proeminentes no ocidente europeu, buscando valorizar marcadores políticos como a cultura, a ideologia, as lutas sociais cotidianas, a solidariedade entre as pessoas ou no movimento social e as identidade criadas a partir dessas interações. Surge, então, a corrente *culturalista-identitária*, fortemente influenciada por teorias utópicas e libertárias do século XIX, pela escola de Frankfurt e pela teoria crítica de forma geral. Esta corrente constituiu, posteriormente, a *teoria dos novos movimentos sociais* ao propor uma nova abordagem alicerçada em concepções culturais para investigar os microprocessos políticos e a vida cotidiana dos atores sociais.

A teoria dos Novos Movimentos Sociais (NMS) desloca o foco das contradições entre as diferentes classes sociais para explicações mais conjunturais localizadas em âmbito político e dos microprocessos de vivências identitárias. Afasta-se, também, do esquema comportamental-utilitarista norte-americano e se ocupa da revisão das teorias baseadas na lógica racional da atuação dos atores sociais. Trata-se de uma teoria ambígua, heterogênea e com correntes diversas.⁹ O foco de investigação da teoria dos novos movimentos sociais inclui, portanto, os significados culturais, a subjetividade e a autonomia dos atores, sem abandonar a visão materialista das condições que impulsionam esses movimentos, como a passagem para uma sociedade pós-industrial.

Com a alteração no modo de produção, novos tipos de privações surgiram e os novos movimentos sociais são o resultado lógico dessa confluência de fatores. Na visão de Alain Touraine, os conflitos surgem em torno da mudança histórica e de um projeto

⁹ Há, inclusive, conflito sobre se tratar de uma “teoria” ou uma “abordagem”. Alguns autores também propõe que seja tratada como um “paradigma”.



cultural¹⁰. Tratando do capitalismo, a autor discute a insuficiência da categoria de classe social, não que as relações entre empregadores e assalariados tenham pacificado, mas porque os conflitos deslocaram-se dos problemas internos da produção e deixaram de ser centrais diante à abertura das economias mundiais.

Dessa forma, as demandas emergentes neste contexto histórico, que teve seu ápice no movimento de maio de 68¹¹, na França, tinham por objetivo a libertação sexual, a autoexpressão, o questionamento de autoridades e estavam atreladas aos direitos políticos e, posteriormente sociais e culturais, que assumem muitas vezes a forma de objetivos econômicos. A cultura, entendida como valores, ideologias e representações, passa a ter um papel central nas concepções de movimentos como o estudantil, o feminista, o antirracista, o ambientalista, o de liberação homossexual e o anticapitalista.¹² Os novos movimentos marcam a entrada da cultura e da identidade do sujeito no campo político.

No contexto latino-americano, marcado pela ascensão de regimes totalitários, a produção acadêmica sobre os movimentos populares¹³ surge filiada às bases teóricas desenvolvidas na Europa, predominantemente pelo paradigma marxista, e, por vezes, permeada por pressupostos ideológicos que derivavam de matrizes político-pragmáticas de partidos políticos.¹⁴ Já as teorias norte-americanas organizacionais-utilitaristas tiveram pouca adesão em virtude das claras dissonâncias de contexto sociopolítico que os países latino-americanos viviam.

Ao longo dos anos 1980, a abordagem marxista foi substituída pela teoria dos novos movimentos sociais, até também se estagnar nos anos 1990. Ilse Scherer-Warren destaca o potencial dos Novos Movimentos Sociais de abrirem brechas na tradição histórica e na

¹⁰ TOURAINE, Alain. **Um novo paradigma:** para compreender o mundo de hoje. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

¹¹ Grande onda de protestos iniciada com manifestações estudantis a favor de reformas no setor educacional, acabando por evoluir para uma greve de trabalhadores que balançou o governo do então presidente da França, General Charles De Gaulle.

¹² CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede. A Era da Informação:** Economia, Sociedade e Cultura. São Paulo: Paz & Terra, 2013.

¹³ Gohn relata que neste período, na América-Latina, houve uma hegemonia dos movimentos populares diante de outros tipos de movimentos sociais. A maioria dos movimentos populares lutava por terra, casa, comida, equipamentos coletivos básicos. Ou seja, necessidades sociais materiais básicas elementares à sobrevivência, direitos sociais básicos elementares. Não há nada de modernidade nestas lutas. Elas são seculares dos excluídos. As carências socioeconômicas eram das populações demandatárias e dos movimentos em si.

¹⁴ GOHN, Maria da Glória. **Teoria dos Movimentos Sociais:** paradigmas clássicos e contemporâneos. São Paulo: Loyola, 1997. p. 216.



práxis política dos países latino-americanos. Segundo a autora, uma atuação direta na esfera civil representaria a possibilidade de fortalecimento desta em relação ao Estado “e perante a forma tradicional do agir político por meio dos partidos”.¹⁵

Na atualidade, a discussão sobre os movimentos sociais está inserida num campo de crise da modernidade e emergência de novas formas de racionalidade¹⁶. As transformações societárias decorrentes da globalização, as alterações nos padrões de relações sociais nas democracias liberais, e o avanço das tecnologias de comunicação e informação têm levado os paradigmas explicativos da realidade social e, por consequência, também dos movimentos sociais, à rediscussão. Para Maria da Glória Gohn, a produção teórica no novo milênio defronta-se com novas demandas, conflitos e formas de organização, todos gerados pelas mudanças ocorridas nas últimas décadas do século XX. O colapso do estatismo soviético, o fim do movimento comunista internacional e da Guerra Fria, a reestruturação do capitalismo e a revolução da tecnologia da informação alteraram a geopolítica global e introduziram uma nova forma de sociedade, a sociedade em rede.¹⁷

A revolução tecnológica começou a remodelar a base material da sociedade em ritmo acelerado, economias por todo o mundo passaram a manter interdependência global, o que criou uma nova forma de relação entre a economia, o Estado e a sociedade em um sistema de “geometria variável”.¹⁸ Em um cenário de informatização da sociedade, os movimentos sociais em muitos países, inclusive no Brasil e em outros da América Latina, diversificaram-se e, na mesma medida, complexificaram-se. A globalização e, por efeito, os movimentos alterglobalização, como resposta ao avanço do neoliberalismo dos anos 1990, fizeram emergir novos sujeitos sociopolíticos com novas exigências e recolocaram o tema dos movimentos sociais como objeto central de investigação no plano internacional.

A construção do mapa conceitual das principais correntes teóricas europeias, norteamericanas e latino-americanas sobre os movimentos sociais, desde a abordagem marxista até as contemporâneas análises pós-globalização que apresentamos nesta seção teve por objetivo fornecer instrumentos para o refinamento teórico-conceitual que torna possível problematizar o movimento LGBT em redes, conforme discuto na seção a seguir.

¹⁵ SCHERER-WARREN, Ilse. **Redes de movimentos sociais**. São Paulo: Edições Loyola, 2011. p. 53.

¹⁶ GOHN, Maria da Glória. **Novas teorias dos movimentos sociais**. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

¹⁷ CASTELLS, Manuel. **O Poder da Identidade. A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura**. São Paulo: Paz & Terra, 1999.

¹⁸ CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede. A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura**. São Paulo: Paz & Terra, 2013.



2 O MOVIMENTO LGBT NO BRASIL: UMA TRAJETÓRIA EM TRÊS ONDAS

Na segunda metade do século XX, o feminismo avançava na Europa e Estado Unidos levando a discussão da sexualidade para o domínio público; os movimentos estudantis desencadeados do Maio de 68 pautavam a liberação sexual na mesma medida em que combatiam o autoritarismo estatal; e o movimento negro se rearticulava entorno de reivindicações ideológicas e de igualdade civil. No Brasil, surgiam movimentações de resistência antiautoritária em diversos setores sociais. Em 1968, Caetano Veloso cantava “É proibido proibir”, conhecido grito de ordem do movimento estudantil francês do mesmo ano, sendo obrigado a sair do país pouco tempo depois.

Em meio ao clima de intensa politização, um grupo de travestis, gays e lésbicas confronta a repressão policial no boêmio bairro de *Greenwich Village*, em Nova York. A revolta de *Stonewall*, em 28 de junho de 1969¹⁹, é o marco contemporâneo de início do movimento LGBT civilmente organizado mais reconhecido pela literatura. Ainda que diversos estudos sobre a história das sociabilidades “não heterossexuais” pré-*Stonewall* tenham sido feitos nas últimas décadas, há considerável consenso no campo das teorias de ação social em localizar a emergência do movimento organizado pela liberdade sexual (*gay liberation*) no arco dos chamados novos movimentos sociais, vinculados a outros movimentos antirrepressivos como o feminista e o estudantil.

No Brasil do início dos anos 1970, época de maior repressão da ditadura em razão da aplicação do Ato Institucional nº 5 (AI-5)²⁰, havia uma efervescência de encontros entre jovens contra o autoritarismo, pequenos grupos e publicações contestatórias se espalhavam e produções artísticas como o Secos e Molhados, de Ney Matogrosso, a volta de Caetano com o tropicalismo²¹ e o recém surgido Dzi Croquettes expressavam, em algum

¹⁹ A data é internacionalmente referenciada como o Dia do Orgulho LGBT (ou, no uso mais comum, *orgulho gay*) e calendariza as Paradas do Orgulho (*Pride Parade*) em diversos países ocidentais.

²⁰ O AI-5 foi assinado pelo então presidente Artur da Costa e Silva, em 13 de dezembro de 1968, e decretou a perda de mandatos de parlamentares contrários aos militares, o que garantiu poderes quase absolutos ao regime militar. Também instituiu intervenções ordenadas pelo presidente nos municípios e estados e a suspensão de quaisquer garantias constitucionais, o que eventualmente resultou na institucionalização da tortura, comumente usada como instrumento pelo Estado.

²¹ O Tropicalismo foi um movimento de ruptura que sacudiu o ambiente da música popular e da cultura brasileira entre 1967 e 1968. Seus participantes formaram um grande coletivo, cujos destaques foram os cantores-compositores Caetano Veloso e Gilberto Gil, além das participações da



nível, uma forma de não-conformismo e questionamento dos papéis sexuais. Entretanto, a censura e a violência policial militar sufocavam qualquer resistência ao sistema vigente em sentido mais amplo, e como descrevem Fry e MacRae, a contestação permanecia confinada a pequenos grupos ou a um minúsculo setor social frequentador dos espaços culturais.²²

Ao fim da década de 1970, como descreve MacRae, o Brasil começava a respirar ares mais otimistas com a indicação de fim do regime ditatorial que já durava desde 1964. A “abertura política” de 1978, embora fosse ambígua, favoreceu o crescimento da contracultura nacional inspirada nos movimentos da Inglaterra e Estados Unidos. A contestação cultural perpassava temas como a politização das homossexualidades em contraste às alternativas presentes no “gueto”²³, os discursos de autoafirmação, liberação e rebeldia, e questionava o conservadorismo e os valores morais da sociedade média.

Dentro deste quadro de relativo abrandamento da censura foi criado, no Rio de Janeiro, o jornal *Lampião*, idealizado por um grupo de onze jornalistas, intelectuais e artistas homossexuais, com o objetivo de questionar “a moral vigente, voltando-se para o público homossexual, considerado até então frívolo, apolítico, quando não doente e decadente”.²⁴ Na confluência deste contexto sociopolítico, foi fundado, em 1978, o *Somos* de São Paulo, sagrado pela literatura como o primeiro grupo organizado entorno de uma proposta de politização da homossexualidade. O surgimento do *Somos* marca, de acordo com a periodização de Facchini, a primeira onda do movimento homossexual brasileiro.

Em 1980 ocorre o primeiro Encontro de Grupos Homossexuais Organizados (EGHO) e também uma drástica redução na quantidade de grupos atuantes, fortemente associada à chegada da epidemia de HIV/AIDS que desmobilizou a proposta inicial de liberação sexual; e da falência do modelo de organização comunitária autonomista que marcou a reação à ditadura.²⁵ Em 1981, o jornal *Lampião* encerrou suas atividades e arrastou consigo uma

cantora Gal Costa e do cantor-compositor Tom Zé, da banda Mutantes, e do maestro Rogério Duprat. A cantora Nara Leão e os letristas José

Carlos Capinan e Torquato Neto completaram o grupo, que teve também o artista gráfico, compositor e poeta Rogério Duarte como um de seus principais mentores intelectual.

²² FRY, Peter; MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

²³ FACCHINI, Regina. **Sopa de letrinhas?: movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

²⁴ MACRAE, Edward. **O militante homossexual no Brasil da “abertura”**. Tese de Doutorado em Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP), 1985. p. 71.

²⁵ FACCHINI, Regina. **Sopa de letrinhas?: movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.



série de entidades e agrupamentos. A dissolução do Somos veio em seguida, em 1983. A primeira metade dos anos 1980 marca, então, o início da segunda onda do movimento.

Enquanto muitos autores e autoras interpretam a década de 1980 como o “declínio” do movimento homossexual em virtude da diminuição dos grupos organizados, Facchini argumenta se tratar da constituição de uma nova geração de militantes contextualizados no novo período social e político do país. Para Simões e Facchini, no início dos anos 1990 é possível identificar a crescente aproximação dos grupos e associações ao modelo das organizações não-governamentais²⁶, com a criação de estruturas formais de organização interna e elaboração de projetos em busca de financiamentos, bem como uma preocupação em estabelecer relações com atores sociais diversos, como a mídia, parlamentares, técnicos de agências governamentais e associações internacionais. A terceira onda do movimento, seguindo a periodização de Facchini, é, portanto, marcada pela diversificação de formatos institucionais e propostas de atuação, pela ampliação da articulação em redes de grupos LGBT²⁷ e a presença de novos atores.

3 REDES DE ATIVISMO E ATIVISMO EM REDES

Incorporada pelas ciências sociais na década de 1940, a noção de “redes” foi interpretada e utilizada em diferentes campos, tornando-se cada vez mais multidisciplinar e adquirindo um caráter polissêmico. Ainda que isto amplie e enriqueça seu uso, Marta Rízo García destaca que a ambiguidade do termo pode gerar confusões, principalmente quanto à associação precipitada entre “redes sociais” e o uso das novas tecnologias. Para a autora, as redes são, antes de tudo, formas de interação social, espaços sociais de convivência definidos, fundamentalmente, pelo dinâmico intercâmbio entre as pessoas que

²⁶ SIMÕES, Júlio Assis; FACCHINI, Regina. *Na trilha do arco-íris: do movimento homossexual ao LGBT*. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2009.

²⁷ Em 1993, o até então chamado MHB (movimento homossexual brasileiro) torna-se MGL (movimento gay e lésbico) incluindo as lésbicas. Já em 1995, são incorporadas as lutas das travestis e o movimento passa a ser chamado GLT (gays, lésbicas e travestis). O ingresso de transexuais se dá na segunda metade dos anos 1990, em torno da luta pelo acesso às cirurgias de transgenitalização e surge o movimento GLBT, incluindo também bissexuais. Já em 2008, durante a I Conferência Nacional de Políticas Públicas LGBTs foi deliberada a mudança da nomenclatura “GLBT” para o termo atual “LGBT” a fim de valorizar as lutas das mulheres feministas e lésbicas.



o formam²⁸. São sistemas abertos, horizontais e descentralizados que convergem indivíduos com as mesmas necessidades, permitindo que potencializem seus recursos na resolução de conflitos.

Em termos gerais, segundo Rízo García, o conceito de rede pode ser usado, por um lado, como referência aos conjuntos de interações que acontecem de forma espontânea; e de outro, como um sistema de organização dessas interações espontâneas com certo grau de formalidade para estabelecer interesses, preocupações e lutas em comum. Na mesma linha, Sonia Aguiar descreve as redes sociais como relações entre pessoas, interagindo em causa própria, em defesa de outros ou em nome de uma organização, mas sempre buscando algum tipo de mudança, no coletivo ou nas organizações participantes²⁹. Por serem dinâmicas, a trajetória das redes não se dá de forma linear e constante, podendo, com frequência, ganhar e perder nós, ou sofrer mudanças qualitativas nos vínculos entre esses nós, sem comprometer sua identidade.

No âmbito dos movimentos sociais, as “redes” vêm sendo utilizada enquanto conceito propositivo para uma nova forma de organização da sociedade civil. Para Scherer-Warren, no contexto do mundo globalizado e multicultural, a identificação de sujeitos coletivos em torno de valores, objetivos ou projetos em comum define as situações sistêmicas antagônicas a serem combatidas e transformadas, formando uma *rede de movimento social*.³⁰ Para a autora, em uma sociedade em rede, surge a necessidade dos movimentos sociais se articularem com outros grupos com a mesma identidade social ou política, a fim de ganhar visibilidade, produzir impacto na esfera pública e obter conquistas para a cidadania³¹. As redes aproximam e criam espaços de trocas materiais e simbólicas de comunicação e debate entre as bases das ações coletivas, os agentes políticos mediadores e outras redes interorganizacionais diversas. Os processos articulatórios dos movimentos sociais possibilitam a transposição de barreiras territoriais, conectando ações locais às regionais, nacionais e transnacionais em defesa de direitos

²⁸ RÍZO GARCÍA, Marta. **Redes**: uma aproximación al concepto. Universidad Autónoma de la Ciudad de México. Online, 2006.

²⁹ AGUIAR, Sonia. Formas de organização e enredamento para ações sociopolíticas. In: **Informação & Informação**. Londrina, v. 12, p. 1-26, 2007.

³⁰ SCHERER-WARREN, Ilse. Redes sociais: trajetórias e fronteiras. In: **Redes, sociedades e territórios**. SILVEIRA, R.; DIAS, L. (orgs.) Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2007, p. 20-50.

³¹ SCHERER-WARREN, Ilse. Das Mobilizações às redes de movimentos sociais. In: **Sociedade e Estado**. Brasília, v. 21, n.1, 2006, p. 113.



sociais, civis e humanos, abarcando o pluralismo de visões de mundo, respeito às diferenças e acesso à cidadania e à democracia.

A formação de redes é uma antiga prática humana de interação, organização e articulação da sociedade civil. Com a chegada das tecnologias de comunicação, porém, “as redes ganharam vida nova, transformando-se em redes de informação energizadas pela internet”³². No contorno da transformação da comunicação pelo advento das tecnologias de informação e comunicação (TICs) e as correspondentes mudanças nas estruturas sociais, a sociedade na qual vivemos hoje está imbricada em aspectos informacionais e tecnológicos fundamentados em redes pessoais e organizacionais movidas por redes digitais e comunicadas através da internet e de outras redes de computadores. Para Castells, as relações de poder, base das instituições que organizam a sociedade, são amplamente construídas na mentalidade das pessoas através dos processos de comunicação, o que configura, na visão do autor, uma forma mais decisiva e duradoura de dominação do que a subordinação de grupos por intimidação ou violência³³.

Assim, com as mudanças societárias decorrentes do advento da comunicação digital, especialmente pela internet, também transformaram os modos como as relações de poder operam. A transformação mais importante na comunicação nos últimos anos foi, segundo Castells (2015), a transição da *comunicação de massa* para a *intercomunicação individual*, caracterizada como um processo de comunicação interativa que, tornada possível pela internet e pelas redes de comunicação móveis, tem o potencial de alcançar a audiência das “massas”³⁴. Porém, diferente das formas tradicionais de comunicação, a produção da mensagem na intercomunicação individual é autogerada, a recuperação é autogerada, e a recepção e a recombinação do conteúdo vindo das redes de comunicação eletrônicas são autosselecionadas. Essa nova forma de comunicação, denominada por Castells como *autocomunicação de massa*³⁵, é caracterizada por redes horizontais e multimodais construídas em torno das iniciativas, dos interesses e dos desejos dos indivíduos que estão globalmente distribuídas e são globalmente interativas. A autocomunicação de massa

³² CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 07.

³³ CASTELLS, Manuel. **O poder da comunicação**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2015.

³⁴ A noção de “massa” está cada vez mais em desuso por ser considerada insuficiente para explicar a complexidade dos processos de produção e consumo de significados na sociedade contemporânea.

³⁵ CASTELLS, Manuel. **O poder da comunicação**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2015.



fornece a plataforma tecnológica para a construção da autonomia do ator social, seja ele individual ou coletivo, em relação às instituições da sociedade.

Castells busca afastar o dilema do determinismo tecnológico ao propor que, ainda reconhecida sua penetrabilidade em todas as esferas da atividade humana, a “revolução”³⁶ da tecnologia da informação não é razão final das novas formas e processos sociais surgidas nas últimas décadas. Na visão do sociólogo, a tecnologia não determina a sociedade: “a tecnologia é a sociedade, e a sociedade não pode ser entendida ou representada sem suas formas tecnológicas”.³⁷ Nessa perspectiva, a tecnologia é condição necessária, ainda que não exclusiva, para o surgimento de uma nova estrutura societal. Ressalvadas suas limitações, a internet configura uma esfera social ampla e diversificada com poder de alcance menos propenso a intervenção de mediadores. Em comparação às mídias tradicionais, esse novo ambiente comunicacional oferece um potencial de interação inédito, sobre questões subjetivas até demandas sociais.

Ao longo da trajetória humana, os movimentos sociais foram e continuam a ser os vetores de transformação e resistência da sociedade. Ainda que com diferentes formatos e com sistemas marcadamente contrastados de valores e crenças, levantaram-se, no decurso da história, pelos direitos das mulheres, pela igualdade racial, pelas minorias sexuais, pela livre expressão religiosa, contra o capitalismo global e contra a visão de uma maneira singular de experienciar a vida social. As sociedades mudam através do conflito e os movimentos sociais são as alavancas da mudança social. Em um contexto de sociedade em rede, Castells apresenta o conceito de *movimentos sociais em rede*³⁸ como ações coletivas do século XXI que visam a transformação de valores e instituições da sociedade e se manifestam *na* e *pela* internet. Para o tipo de movimento social que emerge nas últimas três décadas a internet tornou-se um componente indispensável. A reflexão proposta ao longo dos estudos de Castells é de que a internet não é um instrumento de liberdade, nem

³⁶ Alguns autores destacam a forte imbricação ideológica na ideia de uma “revolução tecnológica”. Muniz Sodré (2002), por exemplo, destaca que esse caráter ideológico pode ser demonstrado pela análise das condições históricas, econômicas e políticas de criação e uso destas tecnologias, o que mostraria o vínculo estabelecido entre estas tecnologias com as velhas estruturas de poder e a reiteração destas mesmas estruturas. Assim, ao invés de uma revolução da informação, o autor percebe uma associação entre as exigências de reprodução da economia capitalista na era da globalização e as tecnologias digitais.

³⁷ CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013a. p. 43.

³⁸ CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.



tampouco a arma de uma dominação unilateral. Pode servir ao propósito de alargar as compreensões e saberes em sociedade, mas pode também atuar enquanto propiciadora da continuidade da vida social como ela se encontra estabelecida.

CONCLUSÃO

O presente artigo visou recuperar brevemente as principais teorias dos movimentos sociais. Das teorias clássicas à discussão das redes de movimentos e os chamados movimentos sociais em rede, passando pelas teorias dos novos movimentos sociais. Embora não seja nosso objetivo exaurir as discussões sobre as teorias mais proeminentes no campo das Ciências Sociais acerca dos movimentos sociais, o recurso à história deve-se, principalmente, ao intuito de refletir conceitualmente sobre a composição e articulação do movimento LGBT brasileiro. Assim, em um primeiro momento, traçamos um resgate preliminar das principais teorias de ações coletivas e de suas correntes teóricas. Em seguida, avançamos para o paradigma dos Novos Movimentos Sociais, que demarca a transição da corrente marxista associada à luta de classes para modelos analíticos fundamentados na cultura, ideologia, solidariedade e em processos de identidade. Por fim, foram tratados os movimentos sociais contemporâneos, emergentes em um contexto de profundas transformações societárias decorrentes, entre outras, da globalização, das alterações nos padrões de relações sociais nas democracias liberais e do avanço das tecnologias de informação e comunicação.

Partimos do pressuposto que os movimento sociais não podem ser pensados fora do contexto histórico-cultural em que se inserem. Sob ditaduras militares que duraram por duas décadas em vários países, a atuação restrita das camadas populares nos planos econômico, político e cultural/ideológico foi também espaço para que antigos grupos de pressão se organizassem em novos moldes, e novos grupos aparecessem como forças políticas dentro das sociedades civis dos países latino-americanos. Em um contexto de sociedades civis marcadas por tradições de relações clientelistas e autoritárias, culturas políticas democráticas quase inexistentes, acirramento das desigualdades sociais, violência institucionalizada e centralização política, os movimentos aqui emergem desenhando trajetórias peculiares e diferentes das percorridas pelos movimentos europeus ou norte-americanos. Dessa forma, propomo-nos refletir sobre o ativismo LGBT através de uma



reconstrução da trajetória do movimento LGBT no Brasil construindo breves intersecções históricas com as literaturas dos movimentos sociais e, especificamente, em relação aos usos e apropriações das tecnologias de informação e comunicação.

REFERÊNCIAS

CASTELLS, Manuel. **O Poder da Identidade. A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura.** São Paulo: Paz & Terra, 1999.

_____, Manuel. **A Sociedade em Rede. A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura.** São Paulo: Paz & Terra, 2013.

_____, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet.** Rio de Janeiro: Zahar, 2013a.

_____, Manuel. **O poder da comunicação.** Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2015.

FACCHINI, Regina. **Sopa de letrinhas?: movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90.** Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade.** São Paulo: Brasiliense, 1985.

GOHN, Maria da Glória. **Teoria dos Movimentos Sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos.** São Paulo: Loyola, 1997.

_____, Maria da Glória. **Novas teorias dos movimentos sociais.** São Paulo: Edições Loyola, 2014.

MACRAE, Edward. **O militante homossexual no Brasil da “abertura”.** Tese de Doutorado em Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP), 1985.

SCHERER-WARREN, Ilse. **Movimentos sociais: um ensaio de interpretação sociológica.** Florianópolis: Editora UFSC, 1989.

_____, Ilse. **Das Mobilizações às redes de movimentos sociais.** In: **Sociedade e Estado.** Brasília, v. 21, n.1, 2006, p. 109-130.

_____, Ilse. **Redes sociais: trajetórias e fronteiras.** In: **Redes, sociedades e territórios.** SILVEIRA, R.; DIAS, L. (orgs.) Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2007, p. 20-50.

_____, Ilse. **Redes de movimentos sociais.** São Paulo: Edições Loyola, 2011.

SIMÕES, Júlio Assis; FACCHINI, Regina. **Na trilha do arco-íris: do movimento homossexual ao LGBT.** São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2009.

TOURAINÉ, Alain. **Um novo paradigma: para compreender o mundo de hoje.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.